

Conhecer implica admitir o desconhecido: margens para pensar melhor

Knowing implies admitting the unknown: margins to think better

*Paulo Sérgio Raposo da Silva**

MORIN, Edgar. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. 110p.

No livro *Conhecimento, ignorância, mistério*, o célebre e multidisciplinar pensador francês Edgar Morin retoma temas que consagraram suas ideias como provocações indispensáveis para o bem-pensar e o fizeram ser mundialmente conhecido no campo específico da epistemologia, que de uma maneira ou de outra, tratando de assuntos diferentes, marcam toda sua obra e até hoje seguem suscitando debates e críticas do mais alto relevo para as Humanidades, e, de modo geral, nas diversas áreas do conhecimento que, ao se apropriarem das propostas da Complexidade, são convocadas a repensar suas práticas, questionar suas verdades comuns e rever conceitos intocáveis.

Diferentemente de outros textos seus de maior densidade teórica, ao longo dos oito capítulos da obra, Morin trata e problematiza mais objetivamente temas bastante caros à história do pensamento, tais como as noções de matéria, o real, o conhecimento, verdade e origem da vida e do universo. A objetividade empregada na crítica às maneiras fechadas de lidar com essas questões demanda do leitor conhecimento prévio do que ali se elabora, todavia, não retira do autor a profundidade e o amplo alcance poético-filosófico que demarca seu estilo e pavimenta sua caminhada de intelectual ousado, sofisticado e original.

Para o escritor francês, conhecimento, ignorância e mistério não se excluem obrigatoriamente; pelo contrário, interligam-se, sucedem-se, constituem o mesmo circuito que significa conhecer, portanto, são inseparáveis, de sorte que as ideias

* Graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Integrante do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) vinculado à linha de Pesquisa Educação, Construção das Ciências e Práticas educativas. E-mail: pauloraposo10@gmail.com.

que os sistemas de pensamento têm acerca do mundo e da vida humana propriamente dita não podem ser tratadas como reflexos do real, mas sim como traduções, interpretações que, a seu turno, são tão limitadas quanto são a linguagem, as palavras, os instrumentos de detecção e a observação de que os homens dispõem podem ser. Ter conhecimento sobre algo implica tomar consciência de que, ao investigar os objetos e os sujeitos, a própria investigação revelará enigmas, imprecisões, desordens, coisas inexplicadas, irracionais e inconclusa. Essa revelação constitui o perímetro que, além de ser admitido pelo pensamento como parte constituinte das coisas sobre as quais discursa, gera as condições necessárias para que aquilo que não é tido como científico mostre sua vitalidade.

Onívoro cultural, Edgar Morin faz do livro uma *Ágora* particular em que traz à luz um amplo leque de pensadores e pensamentos, noções e conceitos que no mais das vezes estão restritos a espectros disciplinares a partir dos quais não se pode ter uma compreensão mais abrangente. Esse leque se estende desde a Física, Astrofísica, Cosmologia, Filosofia das Ciências e do conhecimento até à Química. Ilya Prigogine, Isabelle Stengers, Niels Bohr, Michel Cassé, Karl Popper, Kant, Hegel, Thomas Kuhn, Michel Serres, Paul Feyerabend, são alguns dos exemplos que mostram a expansão e consistência das suas formulações.

Dialogando com esses temas, teóricos e teorias, o autor volta-se para o universo e os mistérios que ainda o definem a fim de demonstrar que a pessoa humana contém em si a história do cosmo e ambas as histórias são caracterizadas por incógnitas cuja força resiste ao tempo e ao avanço tecnológico, às máquinas espaciais, aos telescópios de última geração, aos aceleradores de partículas, ao avanço mesmo dos campos teórico-conceituais, o que demonstra sua característica estrutural.

Segundo Morin, a realidade do universo é emergente tanto quanto é a realidade humana. O cosmo não possui um criador, porque se auto-eco-produziu e, ao produzir a si mesmo, passa a reproduzir para os seres vivos que o habitam os acasos, as incompreensibilidades, as infinitudes, os incognoscíveis típicos da sua natureza e do seu modo de operar a partir de extraordinárias potências criativas e potências destrutivas que, embora sejam forças ambivalentes, coexistem dialogicamente e faz com que o cerne do funcionamento do universo e das espécies esteja na ordem, desordem, interação e organização. A vida, então, passa a ser um grande

palco em que os contrários se encontram, chocam-se e fazem seus jogos, cujo resultado é a realidade tal como podemos apreendê-la.

Exímio leitor e intérprete do humano, Edgar Morin transita pelo imaginário dos sujeitos, pela capacidade de criar seus mitos, seus deuses, suas ideologias, suas fantasias, seus sonhos, devaneios e desejos que se mostram e reivindicam lugar no seio da realidade, tenha ela a materialidade e clareza que tiver, afinal, a vida vivida é coproduzida pela imaginação e pela capacidade de projetar-se para fora de si. Nesse sentido, viver, mais do que resultado de um processo evolutivo, também é ato revolucionário, igualmente permeado por mistérios como o universo em que esse ato é possível, posto que se configura o embate contra aquilo de que é impossível afastar-se completamente: a morte.

Viver e morrer são experiências antagônicas, mas inseparáveis, pois dependem uma da outra para acontecerem. Esse complexo que une em uma mesma existência opostos que se entrelaçam faz o homem ter uma relação de continuidade e descontinuidade com o mundo físico-químico; ou seja, ao passo que os humanos dependem do meio ambiente para sobreviver nutrindo-se dos recursos disponíveis na natureza, distanciam-se desta quando afirmam-se por suas aptidões cognitivas e a emergência da inteligência e da sensibilidade que gera nos sujeitos a vontade de vida, o querer-viver que se contrapõe ao curso natural da espécie.

Quanto mais vida, maior e mais permanente será a luta contra a morte. Trabalho permanente que, paradoxalmente, tem na sua intensidade o seu fracasso, isto é, todos os esforços em busca de mais tempo não passam de variações de uma vitória provisória contra um fim inevitável.

Essa constatação relativamente pessimista não suprime a vida; pelo contrário, desvela sua origem, sua essência, seu funcionamento, seus lastros, suas ambivalências, seu enraizamento e a torna o desafio particular de cada indivíduo que, integrado ao todo, precisa compreender-se como parte necessária para a continuidade da espécie: a morte persegue a vida, no entanto, também a estimula e qualifica, visto que a mobiliza a estender-se, a reproduzir-se, a multiplicar-se, mesmo que o duelo contra a morte seja mortífero: implique em matar outros seres vivos para a sobrevivência. A vida se constrói multiplicando-se e autoconsumindo a si.

De todo modo, o indivíduo depende da espécie assim como esta depende daquele, porque o primeiro produz a segunda, e vice-versa, em um tipo de associação circular que é elemento central para compreensão da vitalidade humana ao

mesmo tempo maravilhosa, inteligente, engenhosa, criativa e criadora, cheia de sentido e incompreensível, absurda, insana, lancinante; contradições que mais cedo ou mais tarde emergirão e demandaram reação. Não é necessário tê-las de modo absolutamente conclusivo, como quem encontrou o sentido último da existência, mas sim aderir a significados que conferem ao simples fato de estar vivo e experimentá-lo em plenitude a melhor resposta.

Enquanto permanente recomeço que se auto-organiza, a vida, ao se expressar, manifesta profusão de criatividade viva que pode ser notada desde a hipercomplexidade dos processos evolutivos das espécies à capacidade de transformar prosa em poesia, de criar e recriar, produzir e reproduzir a si, a outros, o belo para além dos limites da interpretação darwiniana capaz de traduzir esses movimentos apenas como mecanismos de adaptação ao ambiente, sem considerar a imensa potencialidade inventiva existente na interação entre os vivos; interação entendida como a arte das metamorfoses, tal como acontece com a linguagem, a primeira necessidade de comunicação e faculdade em cujo cerne há características do cosmo, da vida, do micro e do macro.

Polimórfica, a vida constitui-se a partir de extremos indissociáveis: maravilhosa e cruel, assustadora e encantadora, admirável e louca, necessita daquela mesma criatividade que a produz para resistir e sustentar-se; apenas uma plena consciência e uma grande sensibilidade serão capazes de abrir-se ao real na sua beleza inesgotável. A falta de uma profunda reforma do conhecimento, da consciência e do pensamento humano interdita a assimilação necessária para admitir a existência do desconhecido no conhecido, o banal no sublime, o sublime no banal e a prevalência de incógnitas na constituição e avanço dos saberes.

Possuímos e somos possuídos por tudo aquilo ao qual nos conectamos, de modo que não somos máquinas triviais, completamente previsíveis e automatizadas. Nossas ações são atravessadas por imprevistos, pelo inesperado, pela loucura. Dispomos de um tipo de racionalidade afeita a essa ciranda existencial? Com efeito, o autor insiste no “não” como resposta, por isso persiste em defender uma reforma radical na maneira de pensar a si e aos nossos dispositivos interpretativos. O cérebro e o espírito, conforme exemplificado no texto, comunicam-se e são compreendidos por elementos distintos: o primeiro, lida com frequências eletroquímicas; o segundo com palavras e frases, mas nenhum sobrevive sem seu diferente.

Cumpra evitar a petrificação da realidade para perceber e manter abertas as muitas vias de acesso pelas quais podemos nos humanizar e tomar consciência da fragilidade das nossas teorias, da autossuficiência dos conceitos, do racionalismo estéril que, em vez de incluir, marginaliza e, por conseguinte, conduz a uma concepção cindida de si, do outro e da biosfera. Isso, assinala o intelectual francês, implica não reduzir uma faculdade do cérebro a outra ou disjungi-las, mas sim preservá-las como componentes interdependentes que emergem e não podem ser negados ou suprimidos em defesa de uma racionalidade ensimesmada, capenga e no final das contas cega.

Os nossos duplos, que dão causa aos deuses e espíritos que veneramos nas nossas religiosidades ou incursões espirituais, são expressões da coexistência entre mistério, conhecimento e ignorância; são efeitos da relação imbricada que há entre uma e outra dessas três dimensões. Ao ter de lidarmos com a interpretação do que nos circunda, essas dimensões da busca do conhecimento se colocam e por vezes mantêm-se mesmo quando algumas conclusões são tiradas. Sobrevalorizar o conhecimento, como se este tivesse sempre a última palavra sobre as existências, trata-se de uma idealização que a vida concreta dos sujeitos denuncia como tal e, no limite, suspende.

O futuro está sempre às portas. Seus propulsores, segundo Edgar Morin, são ciência/técnica/economia. Essa tríade, fonte dos problemas e simultaneamente das soluções, aponta para dois destinos já em curso: a catástrofe, provocada pela destruição da biodiversidade, e a promessa, a promessa de dias melhores e de um novo humanismo consciente da sua integração com o meio ambiente, cuja consecução está atrelada justamente ao bom uso do triplo motor propulsor do desenvolvimento. Do contrário, se insistirmos em métodos predatórios de produção e consumo, para nós humanos estará reservada a pós-humanidade, a superação do humano tal como o conhecemos.

Em última análise, o livro é uma ode àquilo que costumeiramente o pensamento formal subestima ou ignora, um lembrete de que, mesmo ocupando um lugar secundário nos sistemas conceituais racionalistas, a impermanência, a dúvida, a incerteza, o mistério, aquilo para o que ainda não há explicações absolutamente convincentes retornam, reaparecem, reclamam atenção no interior das re-

lações, na própria estrutura dos problemas e nas repercussões geradas pelas descobertas que enredam o humano, sua natureza, seus empreendimentos e seu modo de se situar no mundo como sujeito.

Por causa da sua amplitude, beleza e contundência, *Conhecimento, ignorância, mistério* é um livro indicado tanto para acadêmicos interessados a iniciar estudos sobre o Pensamento Complexo, revisado por aquele que é seu maior artífice, quanto para o público leigo, sobretudo porque as questões tratadas na obra dizem respeito a todos e a cada um, que não perderam a capacidade de se surpreender, impressionar e admitir suas zonas nebulosas, seu não-saber, sua ignorância, seu espanto ante o ineditismo das experiências que viver reserva. Essa admissão é o pré-requisito para a criação de margens em que haverá o necessário trânsito e entrecruzamento de novas e variadas ideias que operem em favor do bem-pensar, o pensar melhor, o pensar em conjunto o particular e o geral.

Recebida em 03/10/2020

Aceita para publicação: 07/12/2020